

## ESPAÇOS DA CATEDRAL IMAGINÁRIA: *A imaginação do espaço na pintura do Professor Leite Lopes\**

*Mirian de Carvalho*

Associação Internacional de Críticos de Arte  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

A produção artística do Professor Leite Lopes inclui desenhos e pinturas que ele vem realizando desde os anos cinqüenta.

“Era outono, e as folhas caíam”, nos disse, de modo poético, ao referir-se aos primeiros trabalhos.

Ao selecionarmos as obras apresentadas nesta exposição, escolhemos uma pequena parte de um acervo numeroso e definimos o seguinte critério: destacar similitudes formais na produção pictórica através de uma “leitura” do *espaço imaginário*.

Na arte, o *espaço imaginário* é o lugar de emergência da experiência estética. Mesmo que o artista se expresse de modo realístico ou apresente alguma analogia com as coisas do mundo e da natureza, a espacialidade do objeto de arte realiza-se, sempre, por uma *metamorfose*.

A imaginação requer o trabalho do corpo: cristalizada pelo gesto, traz ao mundo novos seres – nem figurativos, nem abstratos. Eles são *seres de imagem*: têm vida e linguagem próprias.

No conjunto de obras do Professor Leite Lopes, a temática se diversifica: paisagens, casario, figura humana, madonas, cristos, *catedrais* e *vitrais* ...

Contextualizando seus trabalhos, observamos que os vários temas se articulam numa rede poética. Essa rede é extensa e seus pontos de contacto são tessituras espaciais; nelas, as imagens se completam à maneira das peças de um vitral.

Recortes de vidro em metamorfose, a matéria desse espaço ilumina-se; fixa e des-fixa áreas de cor, mostra entre-espacos que transitam nas várias obras, realizando um percurso pelos meandros de uma *catedral imaginária*; ela própria, uma peça de vitral.

O Professor Leite Lopes morou em Strasbourg, perto da catedral; mas em seus quadros a catedral é uma *imagem onírica*, imagem que ele desconstrói, continuamente, e rearticula em formas imersas em luzes e cores, quase sempre noturnas.

Expressas por texturas pastosas ou através de regiões menos densas, as cores puras são contornadas por um percurso de linha, que separa e aproxima seres de uma fábula revivida entre arcos e ogivas.

---

\* Publicado como Prefácio do Catálogo da exposição de pinturas do Prof. José Leite Lopes realizada no Iate Clube do Rio de Janeiro, por ocasião da comemoração de seus 80 anos: M. de Carvalho & F. Caruso (Eds.), *Espaço da Catedral Imaginária*, Rio de Janeiro, outubro de 1998.

Desse jogo surgem outras catedrais, paisagens, árvores, cristos, madonas, luas, jangadas e uma infinidade de seres de imagem, localizados no mundo cromático, em que o vitral é um símbolo.

Esse símbolo é privilegiado no plano sensível, é traduzido pictoricamente no espaço com valor de *lugar*; e o lugar é a região onde os azuis, amarelos e vermelhos percorrem na noite os passos da paixão humana: trilhas onde o “espaço” é *tátil*.

Em alguns momentos, o pintor acentua a verticalidade da catedral imaginária – ela é um vulto na névoa. Em outros, ao desconstruí-la, ele direciona flechas, ogivas, torres; dilui os vitrais, dando simultaneidade a imagens existentes em tempos diversos.

No trabalho intitulado “La Cathédrale Engloutie” – reproduzido na capa deste catálogo – a catedral é um frontispício vermelho, deslizante – em descese – entre luzes pálidas e águas sombrias.

A fachada surge três vezes no espelho das águas. É, simultaneamente, catedral, labareda, flor e pétala vermelha, figura de vitral..

Sob o fulcro de luzes distantes, ela desce às águas antigas que um dia umedeceram os arcos das catedrais da Idade Média – e flui nas mesmas águas que tocaram, pela primeira vez, a clareza da pedra.

A pedra, a manhã ... desfizeram-se num tempo anterior – no tempo da noite – que permanece na catedral onde dormem as luzes que tingiram seus reflexos na névoa.

Fachada, ogiva, luz, vitral, ela ressurgue *arquetípica* nos espaços diluídos nas tintas de “Universo em Vermelho”.

Aqui, não há analogia visual, mas ela habita as luzes de um *vermelho-vitral* – a inquietude de um vermelho surgido no calor da moldagem da pasta de vidro – que recupera e atualiza os sentidos velados nas águas e espaços de uma catedral submersa.

Nos movimentos destas imagens, aprendemos: não contemplamos uma catedral, suas luzes e sombras nos acolhem de súbito em recantos íntimos.

E, diante da catedral submersa – uma chama entre bruma e água –, perguntamos:

Que infinito iluminou-se primeiro?  
o céu?  
o oceano?

E, ao visitante desta mostra, sugerimos iniciar seu percurso pela inquietude poética enraizada no espaço imaginário da “Catedral Submersa”.